

AS VITÓRIAS

AS DERROTAS

O RECOMEÇO

# BORIS BECKER

## POR DENTRO



SEXTANTE

# Um

Os gritos são o que mais dói na sua primeira noite na cadeia.

Como se alguém estivesse ferido. Como se precisasse de ajuda. Como se estivesse morrendo.

Você não sabe de onde vêm, mas estão lá, em algum lugar. Em algum lugar entre as fortes luzes fluorescentes dos corredores e a escuridão das celas. Em algum lugar além das portas de metal trancadas e das redes anti-suicídio. Ecoando nas paredes grossas, nos tetos vitorianos altos e abobadados, nas barras de metal. Atravessando a noite fria. Vindo na sua direção.

Minha vida sempre foi marcada pelo ruído. Por silêncios sepulcrais e explosões de aplausos. O estampido elástico de um voleio e em seguida da rede. Tênis brancos deslizando na grama verde, obturadores de câmera piscando, lentes dando zoom.

Você está na quadra central de Wimbledon e é o maestro. Você controla tudo isso.

Faz sinal para o guarda. Pega com a mão esquerda a bola que ele te lança. Gritos de incentivo e de esperança soam nas arquibancadas. Seu nome ecoa por toda parte. Sempre o seu nome.

Você passa a mão no rosto. Sopra ar frio na ponta dos dedos suados.

Agora, o silêncio. Dezesesseis mil pessoas aqui nesta tarde de domingo em Londres, cada uma delas atenta a você. Estão perto o suficiente para ver as marcas de suor na sua camiseta branca e grama no seu short. Perto o suficiente para pular o cercadinho e correr até você.

Em vez disso, elas mal respiram quando você lança a bola alto, flexiona os joelhos, arqueia as costas e se lança para a frente. Mal respiram quando a bolinha branca deforma as cordas tensas da sua raquete. Mal respiram quando a bolinha corta o ar quente do verão com um zunido.

Só quando ela cai do outro lado da rede é que você volta a ouvi-las. Quando a bolinha bate na borda da raquete do seu adversário e sai girando para além das linhas da quadra. Quando você levanta novamente os braços, faz uma dancinha, joga a cabeça para trás e mira o céu azul.

Aí vem o caos. O barulho é tão alto que você sente no peito e na cabeça. Dói. É quase assustador – ainda que você o conheça.

Fui eu que fiz isso. Eu que criei. Eu que controlo.

O tumulto nunca dura muito tempo em Wimbledon. Ele escapa pelas vigas de madeira antiga e pelo telhado verde-escuro, diminuindo pouco a pouco. A celebração selvagem se transforma em ondas estrondosas de aplausos que jorram das galerias e das arquibancadas.

É familiar também, quando você volta em outros anos. Você começa a se sentir em casa nos corredores e nas quadras de treino. Você se adapta ao ritmo das duas semanas e à rotina de acordar tarde e caminhar pela Church Road sob olhares, sorrisos e policiais acenando. Os vestiários e o lounge para membros, o quadro de honra dos campeões que você viu jogar, enfrentou e derrotou. Os versos do poema “Se”, de Rudyard Kipling, acima da entrada por onde os jogadores acessam a quadra central: “Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo,/ tratar da mesma forma a esses dois impostores.” Um desafio, um grito de guerra.

É a trilha sonora – sua e do seu mundo. Sendo tenista, você sabe a diferença entre os arquejos de surpresa da arquibancada por uma devolução apertada de *forehand* no meio de um rally e aqueles de quando você escorrega e quase cai, os suspiros quando se lança de corpo inteiro para alcançar um meio-voleio de *backhand*, a incredulidade quando o devolve por cima da rede em um ângulo impossível e, com um *backspin*, a bola morre onde cai.

Nunca pensei que a cadeia seria o meu mundo, mas aqui estou eu, na HMP Wandsworth. HMP – essa abreviação britânica estranha e cruel para Her Majesty’s Prison, ou Prisão de Sua Majestade. Vou passar um tempo aqui e já não controlo nada.

Não posso ir embora. Não posso calar o barulho. E nada disso faz sentido, porque estou perdido e nenhuma das regras antigas vale. Não aqui.

O presídio de Wandsworth fica a pouco mais de três quilômetros da quadra de Wimbledon, dependendo do caminho que se faça. Do código postal SW19 ao SW18 – um único algarismo, mas uma distância intransponível entre eles.

Pior que os gritos em si, que ecoam nesta cela fria e mofada, com o vaso sanitário sujo e a portinhola quebrada, talvez seja não saber o porquê. Os outros homens estão dormindo e tendo pesadelos ou estão acordados e furiosos? Essas feridas são reais ou imaginárias, infligidas por inimigos ou por eles mesmos?

Fora de controle, fora de alcance. Os gritos têm várias camadas. Alguns são um lamento incessante, outros oscilam em intensidade. Alguns são soluços autopiedosos, outros, selvagens e cheios de fúria. Às vezes a cacofonia desaparece e por um minuto você fica surpreso com o silêncio súbito, daí tudo recomeça. Outras vezes você tem 10 minutos, então volta para seu beliche e sua coberta fina e tenta encaixar o corpo na marca que centenas de estranhos deixaram no colchão.

Mas os gritos sempre recomeçam e sempre alimentam mais gritos:

– Cala a boca, porra!

Murros em portas. Batidas de hip-hop em algum ponto distante. Gemidos, ameaças e promessas de vingança.

Quanto mais alguns reclamam, mais outros gritam de volta. Uma disputa interminável entre adversários que não se veem mas mesmo assim querem acabar um com o outro.

Então eu entro em pânico. Também começo a gritar.

– Tem alguém aí? Não estão ouvindo isso? Ninguém vai fazer nada?

Você aperta o botão de alarme na parede. Os Ouvintes demoram, mas uma hora chegam. Abrem o visor de metal na grade de segurança e ficam olhando para você. Vou te contar uma coisa sobre os Ouvintes: eles às vezes te salvam. Quando você chega aqui, eles te ajudam a entender algumas partes desse mundo novo, dessa nova forma de vida confinada. Mas agora eles não vão te salvar. Não há nada que possam fazer. Isto sou eu. Este é o agora. Este é o meu batismo e tudo que tive de aprender rápido.

Você fala alto com eles, quase gritando:

– Tem alguém se matando. Alguém está morrendo!

Eles só olham para você, sem surpresa, porque já viram tudo isso, e nem se mexem, porque ouvem isso toda noite. Dizem:

– É melhor se acostumar. Não vai parar.

– Mas o que está acontecendo? Ninguém pode ir lá ver?

– Alguns são loucos, outros só querem chamar atenção. Não importa, amigo. E não se engane se eles pararem, porque vão começar de novo.

Você pergunta como vai conseguir dormir desse jeito. Ainda acha que alguém vai resolver tudo isso para você.

É aí que eles te contam. Você não vai dormir na sua primeira noite. Nem no dia seguinte. Daqui a três dias, quem sabe um pouco. Em quatro dias, vai estar tão cansado que talvez consiga dormir até meia-noite. No quinto, você já não vai escutar mais nada.

Então você fica ali, sentado no beliche, a cabeça girando. Se eu contar essa história, ninguém vai acreditar em mim. Isso é tortura. É impossível sobreviver a isso.

Estou em uma jaula com um bando de psicopatas. Estou sozinho e perdido. Sou um número que ninguém conhece.

Para mim, essa história começa muito antes – em 7 de julho de 1985, naquela quadra de grama no sudoeste de Londres, com aquele saque aberto para forçar o *backhand* de Kevin Curren. Tudo que aquilo significou e tudo que aquilo me trouxe.

Então por que eu estava no banco dos réus no Tribunal da Coroa de Southwark em 29 de abril de 2022? Por causa dos erros que cometi e dos meus julgamentos equivocados; alguns eu entendi, outros só fui compreender quando era tarde demais. Mas nada disso teria acontecido se eu não tivesse sido campeão em Wimbledon aos 17 anos. Aquele foi o momento em que tudo mudou. Em que meu caminho foi traçado.

Senti isso naquele momento, nas horas que se seguiram ao saque e à comemoração. Na forma como as pessoas próximas de mim – meus pais, meu treinador, meu empresário – me olhavam, como se não me reconhecessem mais.

Agora estava acontecendo tudo de novo. Madrugada de 29 de abril, o dia em que seria proferida minha sentença. De pé no quatinho de um

apartamento minúsculo alugado no centro de Londres, fazendo a mala para o que poderia ser uma chance de recomeçar, mas também de passar sete anos atrás das grades. Abrindo o guarda-roupa e tentando encontrar algo para vestir que fizesse sentido.

Terno cinza, camisa branca, tênis pretos. Fácil. Os advogados te orientam a não usar uma gravata elegante no julgamento. Nada chique demais. Se for um pouco surrado, melhor.

Eu havia sido acusado de 29 crimes sob a Lei de Insolvência. Cinco deles foram retirados antes do julgamento e fui absolvido de outros vinte, mas, no dia 8 de abril, acabei sendo condenado por quatro. Nesse dia, um dos mais estranhos da minha vida, eu queria voltar a ser uma versão de mim mesmo com a qual me sentisse bem, então coloquei minha gravata de Wimbledon.

Se eu não tivesse quebrado duas vezes o serviço de Joakim Nyström em 1985, quando ele tinha *match point* no quinto set da terceira rodada, acho que esse dia no tribunal de Southwark jamais teria acontecido. E se Tim Mayotte estivesse na rede, e não na linha, quando torci o tornozelo na partida da quarta rodada? Eu teria apertado a mão dele e jogado a toalha. Não sabia que meu treinador iria enfaixar meu tornozelo. Não sabia que ele demoraria tanto para chegar à quadra 14 que a dor se estabilizaria e eu conseguiria continuar. E se eu nunca tivesse ganhado o título de simples em Londres antes dos 22 anos? Nada disso estaria acontecendo.

E, agora, a gravata de Wimbledon. Uma declaração para o tribunal, para o mundo que assistia. Para centenas de jornalistas e equipes de filmagem a postos lá fora. Eis o prodígio. Eis o antigo campeão. Eu sabia quem eu tinha sido. Mas quem eu era agora? E o que havia acontecido comigo nesse meio-tempo?

A espera entre o veredito e a sentença é longa – quase três semanas, para mim uma vida no limbo, um ciclo interminável de perguntas, recriminações e suposições.

Meus advogados me explicaram os possíveis cenários. Em um dos extremos da escala, eu receberia uma pena suspensa; estaria falido e arruinado, mas livre. Poderia começar a pensar em um caminho melhor. Se o juiz pendesse para o outro extremo, poderiam ser sete anos de cadeia. Falido, arruinado e acabado.

Você joga a partida mentalmente todos os dias, de manhã e de noite, assim como fazia quando era jogador. Estou livre: como posso levar uma

vida melhor a partir de agora? Como seguir em frente, com quem, e em que direção? Se eu pegar um ano: onde ficarei e o que estarei fazendo? Se eu pegar três: quem sou eu agora? Se eu pegar os sete anos: tento não pensar nessa possibilidade. Ficar obcecado com o pior cenário possível só aumenta as chances de ele acontecer.

De volta ao tribunal, meu advogado expõe a realidade. Jonathan Laidlaw é um conselheiro da Rainha que atua dentro do sistema, de seu jargão e seus jogos misteriosos, preparando os ânimos para o que está por vir:

“O réu não tem literalmente nada, e também não restou nada daquela que foi a mais brilhante das carreiras no esporte.

“Para o réu a queda não é simplesmente cair em desgraça, mas equivale à mais pública das humilhações. O grau de sofrimento dele – um sofrimento duradouro – é uma punição em um nível que dificilmente outro homem falido experimentará neste país.

“Quanto ao futuro do réu, não há. Este processo destruiu sua carreira e lhe tirou qualquer perspectiva de obter rendimentos. Sua reputação, essencial à marca que lhe proporcionava trabalho, está em frangalhos. Ele não será capaz de encontrar trabalho e passará a depender de caridade para sobreviver.”

Fui orientado a fazer uma mala para o dia da sentença, porque talvez não voltasse para casa. Essa é a primeira de muitas tarefas que misturam o prático com o absurdo. Ninguém te dá uma lista oficial do que você pode levar caso seja condenado, então você decide com base nos filmes que se passam na cadeia a que assistiu nas últimas semanas. Eu vi o que acontece nos chuveiros. O bullying. As brigas em que homens são feridos e ninguém vai socorrê-los. Não importa que os filmes fossem, em sua maioria, americanos. Você vê essas coisas e elas se fixam na sua cabeça.

Sempre fui bom em fazer malas. Mesmo quando jogava, gostava de fazê-las eu mesmo, era algo que me proporcionava conforto. A segurança de saber que tinha tudo de que precisava para a batalha iminente. Mas arrumar aquela mala – na verdade, uma bolsa barata da Puma, meu ex-patrocinador, que eu mesmo tinha comprado em vez de receber da marca – levou muito mais tempo do que qualquer outra.

Você se faz perguntas e não sabe as respostas. De quanta roupa preciso? Quanto vão me deixar levar? Com que frequência posso lavar roupa? Vamos

ver: leve meias grossas (talvez durem mais), cuecas boxer. Tenho problemas nos pés devido ao desgaste de uma carreira intensa e às várias cirurgias decorrentes, então preciso dos tênis certos para não sentir dor. Será que posso levar mais de um par? Vou precisar usá-los tanto dentro quanto fora? Bermudas. Eu gosto de bermudas, mas estou na Inglaterra. Aqui faz frio mesmo no verão, e não vou ficar tomando sol. Então deixe as bermudas de lado, melhor levar agasalhos. Três pretos, um azul-escuro com listras brancas. Talvez eu tenha que usar essas roupas por muito tempo. Elas não podem rasgar facilmente nem se desgastar. A autobiografia de Barack Obama, um livro sobre Karl Lagerfeld. Ambos calhamaços, com bastante conteúdo. Pasta de dente, quantas devo levar? Bom, essa bolsa é pequena, mas não quero que fique lotada, isso seria ridículo, quer dizer, não estou saindo de férias...

Você faz sua mala e se despede. Não sabe por quanto tempo vai ficar fora nem para onde vai, nem mesmo se será apenas por um dia. Você não sabe quais palavras são mais apropriadas. É um ex-campeão de tênis que cresceu em um mundo diferente, então ainda está tentando descobrir quanto de emoção real pode expressar e quanto disso tudo precisa ser encenado – parecer calmo, confiante e no controle, mesmo que por dentro esteja um caco.

A primeira pessoa de quem me despeço é Lilian, minha companheira. Vou contar tudo sobre Lilian, porque esta história é tanto dela quanto minha; é a história de sua sobrevivência e sua força, de sua paciência e sua coragem. Hoje, aliás, é o aniversário dela, 29 de abril (eu bem que falei sobre o prático e o absurdo). A segunda pessoa de quem me despeço é Noah, meu filho mais velho. Minha família antiga e a nova. As raízes e os galhos da minha árvore genealógica.

Então estou no banco dos réus, atrás do vidro, com a minha gravata de Wimbledon. A bolsa da Puma aos meus pés, minha família na galeria. À minha frente, o poder judiciário: Sua Excelência, a juíza Deborah Taylor.

Você quer ouvir cada palavra que ela diz, mas é difícil. O vidro à sua frente é espesso. Os alto-falantes que transmitem as palavras da juíza ao banco dos réus são pequenos e fracos, então você se inclina para tentar escutar melhor.

“Boris Becker, o senhor foi considerado culpado por quatro crimes previstos na Lei de Insolvência de 1986. Todos esses crimes decorrem de suas

ações após uma sentença de falência ter sido emitida em 21 de junho de 2018, posterior a um pedido de falência apresentado ao Tribunal Superior pelo banco privado Arbuthnot Latham & Co. O senhor foi absolvido de outras 20 acusações, incluindo todas as relacionadas à sua conduta antes da emissão da sentença de falência.”

Às vezes o som falha. Você pergunta se ela poderia falar um pouco mais alto ou se poderiam aumentar o volume dos alto-falantes, e então é o jargão jurídico que o confunde, como se precisasse resolver um enigma.

“Em relação à Acusação 10, independentemente da ausência de exposição no questionário preliminar sobre falências, foi-lhe informado na reunião de 13 de setembro de 2017 que se tivesse um imóvel, por exemplo, na França, sobre o qual o administrador da insolvência não tivesse perguntado, cabia ao réu declarar que era proprietário do imóvel ou que este era detido em fideicomisso por estas razões. O fato de que, em relação a Im Schilling, o réu tivesse dúvidas sobre os interesses de sua mãe não o impediu de levantar essa questão com o administrador.”

Seu cérebro produz pensamentos estranhos. Comentários sobre a fala da juíza, porque você já trabalhou na televisão, então sabe fazer observações claras e concisas. Julga por conta própria que essa frase soou mais positiva, aquela menos. Também se questiona: por que ela está dizendo isso? Foi preciso? É justo?

A tensão se intensifica a cada frase e a cada cláusula espremida ao lado de outra. Eu não conseguia mais fingir que estava lidando bem com tudo aquilo. Em determinado momento, queria acreditar que ela estava caminhando para uma pena suspensa; em outro, eu sentia o pânico dar um soco na boca do meu estômago – ela vai me dar sete anos, ou dez...

Eu tentava apenas olhar para ela. Manter o olhar fixo, para me controlar. Os olhos fixos nos olhos dela e meus dedos em volta do terço no bolso do paletó. O terço que tenho há anos, desde que era um jovem correndo da linha de fundo até a rede, e que guardo ainda hoje, como alguém com mais idade tentando encontrar um novo caminho. Passo a ponta dos dedos pelas contas do terço, de um a dez.

O cérebro tenta acompanhar, fazer a distinção entre os termos. Simultaneamente, consecutivamente. Consecutivamente, simultaneamente.

Falo comigo mesmo. Ok, Boris, uma vez que você saiba o que vem por aí,

sabe que conseguirá enfrentar de alguma forma. Mas eu não sei o que virá. Ok, Boris, então preste atenção, continue prestando atenção.

E rezo. Uma ave-maria para cada conta menor, um pai-nosso para as maiores.

Você perde a noção de há quanto tempo a juíza está falando. Senhoras e senhores, o tempo está suspenso. Já se passaram 10 ou 30 minutos? Menções a precedentes legais, embora não haja nenhum precedente real para as questões específicas do meu caso, e é esquisito pensar que isso já aconteceu antes, quando tudo me é tão estranho e perturbador.

“Na ausência de diretrizes específicas, o ponto de partida são os Princípios Gerais das Diretrizes Gerais do Conselho de Sentenças. A esse respeito, levo em consideração as sentenças máximas legais da Divisão Criminal do Tribunal de Apelação para o crime e as diretrizes definitivas de sentença para crimes análogos. Neste caso, alguma ajuda pode ser obtida com as Diretrizes sobre Suborno, Fraude e Lavagem de Dinheiro, embora seja necessário ter cautela, pois os crimes diferem em aspectos significativos...”

As esperanças vêm e vão.

“Quanto a agravantes, não considero ter havido premeditação significativa. Aceito que o senhor estava confuso – ao saber da sentença de falência, fez o que pôde para pagar as pessoas mais próximas, o que não foi uma decisão elaborada nem planejada. As consequências para os outros são levadas em consideração na infração.”

Continuo segurando o terço, os dedos passando pelas contas.

“Da mesma forma, levo em consideração a condenação anterior por evasão fiscal, que considero um crime semelhante. Embora tenha ocorrido há algum tempo, é significativa neste caso, pois o senhor não deu ouvidos à advertência que recebeu e à pena suspensa que lhe foi imposta. Esse é um agravante significativo.”

Você está se afogando em mares tempestuosos e essa juíza formal e desprovida de emoção é ao mesmo tempo sua única esperança de resgate e a correnteza congelante que o puxa para baixo.

“Como atenuante, levo em consideração o que foi descrito como sua ruína. O senhor perdeu sua carreira, sua reputação e todos os seus bens como resultado da falência. Levo em consideração as cartas de sua família e a caridade que prestou. No entanto, não demonstrou remorso nem reconhecimento de

culpa e procurou se distanciar da ofensa em sua falência. Embora eu aceite a humilhação que o senhor sentiu como resultado deste processo, não houve humildade.”

Não compreendo essa mistura de avaliação moral e jurídica, esse estranho código de remorso que eu deveria ter manifestado. Como poderia demonstrar remorso por algo que não percebi que estava errado? Paguei o que era devido à minha ex-mulher e aos meus filhos, paguei minha cirurgia no joelho e o aluguel. Não tentei esconder isso, até porque achava que era o correto a fazer. Por acaso eu deveria ter parado de pagar pensão aos meus filhos?

Mas estou arrependido, é claro. Muito arrependido. Pelos meus atos, pelos outros caminhos que poderia ter tomado. Ainda não sei quanto vou aprender sobre mim mesmo no próximo ano, se serei levado ao limite, quanto vou mudar. Por enquanto, ainda estou perdido nos detalhes. Acho que o problema é que não consegui dizer tudo que sinto no banco dos réus. Meus advogados me orientaram a não me explicar demais. Apenas dizer “sim” e “não”. E com “sim” e “não” você não consegue ir além do preto e branco, do binário.

De repente, a juíza passa a se concentrar nos números. Ouço com mais atenção do que em qualquer outro momento da minha vida. O silêncio é como o que precede um saque em Wimbledon, mas agora é a juíza quem conduz tudo. É ela quem se move para a posição de vantagem.

“Em relação à Acusação 4, a sentença será de dois anos e seis meses.”

Dois anos e seis meses. Ou seja, trinta meses. Ok, não são sete anos. Mas ficarei preso. Por um bom tempo.

“Imponho sentenças simultâneas de 18 meses em relação às Acusações 10, 13 e 14.”

Simultaneamente, consecutivamente. Consecutivamente, simultaneamente.

Isso significa 30 meses mais 18, mais 18 e mais 18? Dá exatamente sete anos. Ou as três acusações de 18 meses estão dentro dos 30 meses? Talvez...

Agora o tempo realmente desacelerou. *Match point*, bola zunindo pelo ar de Londres, à espera de que ela toque o chão.

Olho para Lilian, sentada ao longe, em um banco à minha direita. Olho para Noah, 28 anos, meu filho, um adulto. Vejo que Lilian está chorando. Vejo a tristeza no rosto do meu filho.

Tento uma última vez conter minhas emoções. Ainda não sabemos a sentença. Os olhos estão voltados para a juíza. À espera de a bola quicar.

“A sentença total é, portanto, de dois anos e seis meses.”

E é assim que acontece a despedida, quando chega a hora. Sem último abraço, sem contato físico. Sem beijo final. Lilian e Noah saem da galeria e vêm até o banco dos réus, eu espalmo a mão no vidro.

Lilian repete meu gesto, a palma da mão na minha. Noah faz o mesmo. Essa é a parte mais difícil.

Então me viro e vou para o outro mundo.

## **À Juíza do Tribunal da Coroa de Southwark**

Meu nome é Noah Becker.

Passei a última semana do julgamento do meu pai no tribunal com ele, pois era importante para mim lhe dar o máximo de apoio possível – assim como ele sempre me deu. Os últimos cinco anos não foram fáceis para mim e para minha família, principalmente quando ele é retratado como alguém que não é.

Embora tenha muito orgulho do meu pai e das suas conquistas, a forma como as pessoas o retratam e o difamam tem pesado em mim há muito tempo, o que afetou minha saúde mental. Para ser sincero, a maior parte do tempo que passo com meu psicólogo falamos sobre esse assunto, a fim de avaliar meu estado mental.

Sendo o mais velho de quatro filhos, se meu pai fosse preso, sinto que teria uma responsabilidade tão grande que não estou preparado para carregá-la sem ele por perto. A forma como meu pai tem cuidado da nossa família com amor, mesmo com meus irmãos morando em países diferentes, manteve tudo unido.

Todos nós o apoiamos e, se ele for preso, acredito que todos nós seríamos presos enquanto família, enquanto conjunto.

Meu maior desejo é que meu pai seja solto, para que nossa família possa ser livre.

Atenciosamente,

Noah

## DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

[sextante.com.br](http://sextante.com.br)

